



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



PROJETO FEIRA CULTURAL DE GEOGRAFIA: a leitura da realidade regional como proposta para a construção coletiva do conhecimento escolar.

*Maria Dione do Nascimento Oliveira, Gisele Alves de Matos,
Jefferson Aparecido Martins de Moura*

INTRODUÇÃO

O povoamento das terras às margens do Rio São Francisco começou bem antes da chegada dos portugueses ao Brasil, com as populações indígenas que viviam na região e se utilizavam das riquezas do rio para suprir suas necessidades. A exploração desordenada dos recursos naturais às margens do rio, contudo, começou com a colonização portuguesa. Nada se compara, porém, com os impactos sofridos pelo Rio São Francisco nos últimos dois séculos.

A expansão das cidades, principalmente na segunda metade do século XX, o desenvolvimento tecnológico, e a consolidação da globalização alicerçada no desenvolvimento tecnológico e capitalista mudaram a forma do homem se relacionar com o espaço geográfico, intensificando o processo de degradação, massificando a cultura e subjugando as práticas tradicionais dos povos aos interesses do mercado capitalista globalizado. A bacia do São Francisco sofreu com grande intensidade todos esses impactos. Os novos arranjos territoriais do mundo globalizado, aliado ao nível de degradação ambiental às suas margens culminaram com a alteração do modo de vida de muitas comunidades tradicionais bem como com a perda de valores e identidades construídas ao longo do processo histórico de ocupação do vale do São Francisco.

Visando discutir e promover a melhor compreensão de todos esses processos ocorridos na construção da identidade sociocultural da região do São Francisco, bem como aproximar os educandos e a comunidade das práticas culturais locais e regionais, foi desenvolvido junto aos alunos da educação básica da Escola Estadual Luiz Balbino o projeto “CAMINHOS DO SÃO FRANCISCO: um olhar sobre os processos sócio-físico-culturais na Bacia do Rio São Francisco”, que buscou, a partir da interação entre os alunos e diversos elementos que participam e participaram da construção histórica e geográfica regional, resgatar os valores histórico-socioculturais da bacia do São Francisco bem como construir, juntamente com os educandos e comunidade, uma visão crítica acerca do modelo de apropriação do espaço regional e as implicações socioambientais decorrentes desse processo. Freire discorre sobre a importância da construção coletiva do conhecimento:

É imprescindível que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas. O que se almeja é a construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local. Ação transformadora dos sujeitos no mundo e não uma educação somente reprodutora de informações, como via de mão única e que identifique os educandos como consumidores de informações – modelo designado por Paulo Freire como “educação bancária” (FREIRE, 1970 p. 17)

A metodologia adotada visou valorizar todos os atores envolvidos no processo de construção sociocultural do vale do São Francisco, reafirmando com isso a importância da preservação da identidade cultural para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável das populações. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN discute a importância de inserir o patrimônio cultural no currículo escolar:

É preciso considerar o Patrimônio Cultural como tema transversal, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, ato essencial ao processo educativo para potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos. Embora tenha ficado patente que o processo educacional é mais amplo que a escolarização – inserindo-se em contextos culturais nos quais a instituição escolar não é o único agente educativo. [...] Não se trata, portanto, de limitar as vivências simbólicas e educativas a um único contexto cultural específico. [...] onde todos os processos de aprendizagem se realizam em seus limites e com seus exemplos. Trata-se, ao



contrário, de partir das referências culturais locais para, por meio delas, acessar processos sociais e culturais mais amplos e abrangentes, em um registro no qual cada sujeito, a partir de seu repertório de referências, possa compreender e refletir, tanto sobre contextos inclusivos quanto sobre a diversidade cultural que o cerca (EDUCAÇÃO PATRIMONIAL Histórico, conceitos e processos. IPHAN p. 27).

É imprescindível que a escola esteja aberta à cultura regional na seleção de conteúdos de sua grade curricular. O intercâmbio entre conhecimento empírico e popular representa um importante caminho na construção e valorização da identidade cultural e social do educando.

DESENVOLVIMENTO:

Como patrimônio cultural entendemos todos os elementos, materiais e imateriais que compõem a cultura popular, edificações, danças, crenças, comidas, artesanatos, paisagens, regionalismos linguísticos, etc. Essas práticas, são muitas vezes desconhecidas das populações às quais se referem, principalmente as mais jovens, muito ligadas à cultura massificada. Ao promover a atuação direta do educando junto aos elementos da cultura regional estimula-se o questionamento acerca dos valores que essas práticas representam, a avaliação crítica das mudanças ocorridas ao longo do tempo e a valorização dos aspectos históricos e socioculturais que permeiam seu espaço de vivência. A construção mediada do conhecimento e a elaboração do material a ser apresentado na feira pelos alunos foi um item de suma importância no projeto. Nessa perspectiva os alunos, tornaram-se também mediadores entre o conhecimento construído e a comunidade. A publicação do IPHAN discute a educação patrimonial e reforça a importância da aproximação da comunidade com seu patrimônio cultural:

Qualquer que seja a ação implementada ou o projeto proposto, sua execução supõe o empenho em identificar e fortalecer os vínculos das comunidades com o seu Patrimônio Cultural, incentivando a participação social em todas as etapas da preservação dos bens. Nesse processo, cabe aos poderes públicos exercer o papel de mediador da sociedade civil, contribuindo para a criação de canais de interlocução que se valem, em especial, de mecanismos de escuta e observação (EDUCAÇÃO PATRIMONIAL Histórico, conceitos e processos. Iphan p. 21).

O projeto foi desenvolvido de forma interdisciplinar e sequencial a fim de otimizar a elaboração, organização e apresentação das pesquisas desenvolvidas pelos alunos. Costela (2012) aborda a interdisciplinaridade apontando que a integração entre as disciplinas favorece a construção efetiva do conhecimento despertando a criticidade e o interesse pela atuação direta no meio em que habita.

A escola foi dividida em cinco equipes compostas por professores e alunos recebendo cada uma, um tema específico a ser trabalhado. As equipes apresentaram seus temas de forma dinâmica e objetiva, utilizando, dentro do possível, recursos que tornaram as apresentações interessantes ao público visitante da feira. Alguns dos recursos utilizados são descritos a seguir: Imagens Fotos, Mapas, Maquetes, Apresentações culturais, Textos, Poemas, Exposições culinárias, Exposições da medicina alternativa regional, Exposições do artesanato regional.

A divisão dos temas foi pensada considerando as competências de cada nível de ensino o nível de dificuldade do debate e apresentação de cada tema e a maturidade dos discentes que foram os construtores e mediadores dos conhecimentos adquiridos no percurso do trabalho.

- **3º ano:** TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO – esse tema foi pensado considerando o cenário atual de interesse econômico e ambiental que envolve o tema da transposição bem a polêmica que envolve o projeto quanto ao seu custo/benefício real.
- **2º ano:** GERAÇÃO DE ENERGIA – Discuti o potencial energético da Bacia do São Francisco, sua exploração, a população beneficiada direta e indiretamente, sua influência na economia e no desenvolvimento regional e os impactos gerados nesse processo.
- **1º ano:** GEOLOGIA E GEOGRAFIA DA BACIA DO SÃO FRANCISCO – Apresentou a estrutura geológica, potencial hídrico, a dinâmica espacial e a apropriação do território na bacia do São Francisco.



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



- **9º ano:** IMPACTOS AMBIENTAIS NA BACIA DO SÃO FRANCISCO – Abordou os impactos ambientais e os processos geradores desses impactos. Apontou os problemas e suas causas e apresentou algumas ações aplicadas por comunidades ribeirinhas como alternativas para minimizar os impactos do quadro de degradação ambiental vivenciado na região.
- **8º, 7º e 6º ano:** COMUNIDADES TRADICIONAIS E CULTURA NAS MARGENS DO SÃO FRANCISCO – reproduziu através de apresentações culturais as práticas socioculturais dos povos que habitam as margens do Rio São Francisco, seus hábitos, costumes, cultura, língua, folclore, festas tradicionais, comida, remédios, meios de sobrevivência, etc.)

Como base dos trabalhos voltados para as turmas das três séries iniciais do ensino fundamental foi realizada, com alunos do 8º ano, uma visita técnica à Associação dos Carranqueiros de Pirapora. A arte carranqueira é uma das manifestações culturais mais sólida das tradições São franciscanas e agrega outras lendas e mitos que permeiam o imaginário das populações que margeiam ou sobrevivem das riquezas do Rio.

Esta visita teve um impacto especial nas apresentações desses alunos que não conheciam a história e a importância das carrancas para a cultura local. Apesar da maioria deles serem naturais da cidade de Pirapora, as carrancas eram vistas como uma imagem feia, assombrosa, sem significado. A partir da visita, as carrancas e os mitos que permeiam o imaginário dos carranqueiros tomaram um novo sentido sendo representados de diversas formas no ideário dos alunos.



Figura II: Alunos observam artesão construindo carrancas.

Fonte: Oliveira, M. D. N. 2014



Figura III: Alunos constroem maquetes sobre as lendas e mitos que permeiam o universo das carrancas

Fonte: Oliveira, M. D. N. 2014

Os aspectos físicos da bacia do São Francisco foram apresentados e discutidos pelos alunos do ensino médio através de maquetes, vídeos, painéis, gráficos e debates onde se abordou desde a matriz geológica da bacia até os diferentes conflitos socioambientais presentes na região.



Figura IV: Maquete sobre formação da Terra. Os alunos explicaram as diferentes fases da formação da crosta terrestre e sua relação com o arcabouço geológico do Vale do São Francisco.

Fonte: Oliveira, M. D. N. 2014



Figura V: Maquete discute as implicações da retirada das matas ciliares para o equilíbrio da dinâmica fluvial.

Fonte: Oliveira, M. D. N. 2014

A seriedade dos alunos na confecção e apresentação dos trabalhos, bem como o interesse por estudar os temas que iriam apresentar foram o ponto alto do projeto. Assuntos já trabalhados anteriormente em



sala de aula, nos quais os alunos apresentaram dificuldades de apreensão, foram compreendidos e repassados nas apresentações de maneira surpreendente. A participação ativa na construção do conhecimento dinamizou o aprendizado e estimulou a participação de todos.



Figura VI: a transposição do São Francisco foi discutida apresentando os possíveis impactos do projeto tanto para as regiões doadoras e receptoras das águas do São Francisco
Fonte; Oliveira, M. D. N. 2014



Figura VII: Maquete apresenta o perfil geológico da bacia do São Francisco apontando as principais cidades e empreendimentos ao longo do seu curso
Fonte; Oliveira, M. D. N. 2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Costella (2012) discute que a aprendizagem acontece na interação do educando com o universo ao seu redor e como tal deve ser construída e não transmitida. Aponta ainda, que a prática educativa deve ser prazerosa despertando a curiosidade e o interesse do educando em participar ativamente da construção do seu conhecimento. Os projetos interdisciplinares, por demandar a participação ativa do educando, representam um importante caminho para que a escola alcance este objetivo, pois, sua realização, além de exigir a ação conjunta de diferentes disciplinas, abre possibilidades para que aprendizagem se processe em outros espaços que não a sala de aula.

É necessário, portanto que a escola esteja atenta as novas realidades na qual está inserida e aberta ao debate, à interação com a comunidade e principalmente disposta ajudar seus educandos a se tornarem atuantes e críticos frente à realidade local. Pontuschka et al (2009) coloca que a escola não ode fechar os olhos para a realidade ao seu redor e que a interdisciplinaridade, tem o poder de promover a transformação necessária à sociedade moderna através da interação das diferentes disciplinas que compõem o universo escolar. A geografia tem potencial para interagir com todas as áreas de conhecimento escolar, portanto apresenta um grande potencial para propor projetos interdisciplinares.

Trabalhar com projetos ainda representa um grande desafio para muitas escolas, contudo é imprescindível que os projetos façam parte do currículo escolar e que aconteçam de forma dinâmica e organizada, pois o conhecimento produzido através dessas atividades se mostram eficientes na construção de novos referenciais dos alunos que deles participam.

REFERÊNCIAS

COSTELLA, R. Z. SCHAFFER, N. O. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edebra, 2012.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL Histórico, conceitos e processos. IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

POTUSCHKA, N. N. PAGANELLI, T. I. CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009. 3ª ed.